

Webinar “Patologia Salivar e Medicina Geral e Familiar”

– questões de balanço para *O Jornal Dentistry* –

1. Qual o balanço que faz deste *webinar*?

O balanço é, sem dúvida, positivo. Mas há que conhecer a história deste evento... Desde logo, o objectivo era sensibilizar a Medicina Geral e Familiar para as glândulas salivares e a sua patologia. Porquê? Porque a Medicina Geral e Familiar encontra-se em posição privilegiada na abordagem deste tipo de patologia, constituindo um papel fulcral não só na identificação das alterações das glândulas salivares, mas também na gestão das situações mais frequentes. Para além disso, é igualmente preponderante na referência para um profissional ou centro específico e no seguimento paralelo a uma possível consulta especializada ou após um eventual episódio de urgência. Daí se ter optado por um formato em que envolvesse colegas daquela especialidade, baseado na apresentação de casos clínicos de patologia salivar com quais se tivessem deparado na sua actividade clínica.

Inicialmente, o evento estava marcado para 19 de Outubro de 2019 (em moldes “convencionais”). Acontece que por questões de saúde – felizmente já ultrapassadas – um dos elementos da organização não podia participar. Adiou-se, então, para 21 de Março de 2020. Pouco mais de duas semanas após os primeiros casos confirmados de COVID-19 em Portugal, portanto. (E nessa altura ainda se discutia se se mantinham as formações científicas, nos tais moldes “convencionais”, ou seja, em regime presencial.) Ora, pelo compromisso assumido, pela imprevisibilidade no curso da pandemia, pela crescente utilização de plataformas para vídeo-conferência, o encontro passou para um *webinar*. Fez-se jus ao dizer que “à terceira é de vez”. No final, após alguns ventos e marés, a percepção por parte da organização e o retorno dos participantes é que foi uma aposta bem conseguida.

2. Que aspetos lhe pareceram mais positivos? E negativos?

Claramente, o aspecto mais positivo foi a disponibilidade, o interesse e o empenho das colegas que apresentaram os casos clínicos (todas de Medicina Geral e Familiar, excepto uma, de Medicina Dentária). Em abono da verdade, como se constatou, algumas trabalharam em mais do que um caso. Creio ter sido, também para elas, uma mais-valia na partilha de conhecimentos e experiências na área, pois não só acabaram por ter o retorno do percurso diagnóstico e terapêutico que os doentes tiveram, mas também beneficiaram da apresentação dos casos clínicos das restantes colegas. Não tenho dúvida que, pelo menos, ficaram mais alerta para as entidades nosológicas, exames complementares e opções terapêuticas relacionadas com as situações abordadas. Do que, porventura, correu menos bem... enfim, algumas atribuições relacionadas com os adiamentos.

3. De que outras formas tem procurado divulgar o seu trabalho? Os médicos dentistas estão cada vez mais atentos à questão das GS e tem recebido cada vez mais casos clínicos para tratar?

Tenho, de facto, procurado divulgar as glândulas salivares e a patologia salivar. Os eventos “Conferência em Glândulas Salivares – *Salivary Gland Conference*” (Centro Hospitalar de São João / Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, em 2016), “Actualização em Glândulas Salivares” (Casa de Saúde da Boavista, em 2018) e, agora em 2020, “Patologia Salivar e Medicina Geral e Familiar” têm sido apenas uma forma. E pela forma como as pessoas, hoje em dia, mais procuram informação, também pela internet. Não só em redes sociais – Facebook, LinkedIn e Instagram – mas igualmente numa página própria, pessoal, onde a informação se encontra mais sistematizada e, quiçá, mais formalizada. A página, www.tiagofonsecaestomatologia.pt, é relativamente recente e, para além das glândulas salivares, foca também a Estomatologia em geral. Espero despertar a curiosidade... Mas, acredito, o modo mais sólido de divulgação é o que acontece através dos doentes (bem!) tratados. Desse ponto de vista, os colegas – os de profissão e os de área de actuação – têm tido um papel importante. Pelo *feedback* que lhes chegará daqueles, certamente contribuirão para a sensibilização e divulgação do tema das glândulas salivares e da patologia salivar, entre os próprios e no seio da população em geral. A pouco e pouco, julgo ser uma questão de tempo.

Gradualmente, a Clínica de Glândulas Salivares vai sendo conhecida... dentro e fora de portas, pois já recebe doentes de lés a lés de Portugal e já recebeu doentes de algumas comunidades lusófonas. E a disponibilização de teleconsulta, alavancada pela pandemia, pelo menos em abordagens iniciais e/ou em situações “críticas”, agilizou o contacto com doentes que vivem mais longe do Porto.

4. Qual a principal mensagem que pretendia passar com o seu *webinar*?

É interessante essa questão! A primeira parte do Encontro, teórica, relevou conceitos-chave. Doze, em concreto. Parecem-me uma possível súpula da grande área do conhecimento que é a patologia das glândulas salivares, abarcando desde disciplinas basilares como a anatomia e a fisiologia, passando indubitavelmente pela semiologia e imagiologia, terminando no que de mais actual de faz, nomeadamente em relação com cirurgia minimamente invasiva. Sempre sistematizadamente e de modo tangível. Havendo que escolher apenas uma mensagem principal, inquestionavelmente o primeiro: a patologia salivar não é incomum, apenas se encontra dispersa e sub-diagnosticada.

E, para concluir, uma mensagem que também me parece relevante: na dúvida, perguntar a quem mais ou melhor possa conhecer. Já não existe praticamente nenhuma razão para se remover uma glândula submandibular porque existe um cálculo. Ou realizar uma parotidectomia superficial porque é sede de um tumor benigno. Já não se justificam intervenções que já são passado, com comorbilidades acrescidas. A sialoendoscopia e a dissecação extra-capsular, nos exemplos citados, são a evolução natural da Medicina. E não há porque os doentes tenham que andar “perdidos”: há alternativas.